

## Prefácio

Mais afiado do que as presas de uma serpente

é a ingratidão de um filho.

SHAKESPEARE, *Rei Lear*

O QUE VOCÊ FARIA NESTE exato momento se soubesse que iria morrer em dez minutos? Fumaria aquele cigarro escondido em sua gaveta de meias há três décadas? Irromperia a sala de seu chefe com uma lista de todos os defeitos dele? Correria à churrascaria mais próxima para comer um bom pedaço de carne cheio de gordura? Difícil dizer, não? Mas, de tudo o que você faria em seus últimos dez minutos de vida, provavelmente nenhuma delas foi realizada hoje.

Agora, algumas pessoas lamentariam o fato e lhe apontariam o dedo, dizendo com severidade que você deveria viver cada momento de sua vida como se fosse o último, o que, na verdade, só serve para mostrar que algumas pessoas passariam seus últimos dez minutos de vida dando conselhos inúteis aos outros. É claro que tudo o que fazemos quando achamos que a vida vai seguir em frente é muito diferente daquilo que faríamos se soubéssemos que ela terminaria de uma hora para a outra. Reduzimos a gordura e o cigarro, achamos graça das piadas sem graça de nossos superiores, lemos livros como este enquanto poderíamos estar numa banheira de espuma bebendo champagne, e fazemos tudo isso em prol das pessoas que seremos num futuro próximo. Tratamos essas pessoas que seremos no futuro como um filho, dedicando grande parte de nosso tempo à construção de um amanhã em que esperamos fazê-las felizes. Em vez de cedermos às tentações presentes, escolhemos nos responsabilizar por aqueles que seremos, armazenando, todo mês, uma parcela de nossos pagamentos para que *eles* tenham uma aposentadoria tranquila. Fazemos exercícios e passamos fio dental regularmente para evitarmos doenças cardíacas e problemas na gengiva, toleramos fraldas sujas e repetições tediosas de *Atirei o pato no gato* para que *eles* possam ter, algum dia, um neto de bochechas gordinhas pulando no colo. Até o que gastamos numa loja de conveniências é um ato de caridade, com o propósito de assegurar que a pessoa que nos tornaremos em breve venha a gostar do lanche que acabamos de comprar. Na verdade, toda vez que *queremos* algo – uma promoção, um casamento, um carro, um cheeseburger –, esperamos que, ao conseguí-lo, seja num segundo, num dia ou numa década a partir de agora, a pessoa com nossa impressão digital, ao colher os frutos de nossos investimentos e dietas, aproveite nossa herança, honrando, assim, os sacrifícios que fizemos.

Tudo bem, mas não prenda a respiração, pois, tal como nossos filhos, nossa prole futura é ingrata. Trabalhamos incessantemente para darmos exatamente o que achamos que eles vão querer, e aí eles vão embora pensando o quão burros fomos em achar que era *aquilo* que eles queriam. Não conseguimos alcançar as honras e recompensas cruciais para o bem-estar deles, e eles acabam agradecendo a Deus pelo fato de as coisas não terem saído conforme planejamos. Mesmo aquela pessoa que está comendo o lanche que acabamos de comprar na loja de conveniências talvez faça cara feia e nos acuse de ter comprado o lanche errado. É claro que ninguém gosta de ser criticado, mas, se temos o hábito de lutar com afincado por coisas que não nos farão felizes no futuro, ou se aquilo que costumamos evitar, sem sucesso, acabará nos trazendo algo de bom, parece razoável para eles (ainda que seja um pouco de ingratidão) dar uma olhada depreciativa para trás e imaginar que diabos tínhamos em mente. Talvez reconheçam nossas boas intenções e se dêem conta, meio a contragosto, de que fizemos o melhor possível, mas, inevitavelmente, irão se lamentar com seus terapeutas que nosso melhor não era bom o bastante para eles.

Como isso pode acontecer? Não deveríamos conhecer os gostos, preferências, necessidades e desejos das pessoas que seremos no próximo ano – ou pelo menos hoje à tarde? Não deveríamos entender nossos futuros “eus” bem o suficiente para dar forma à sua vida – achar a carreira, o parceiro que irão acalentar, comprar capas de sofá que irão apreciar nos anos vindouros? Então, por que terminam com sótãos e vidas tão entulhadas de coisas consideradas indispensáveis e que eles acham dolorosas, constrangedoras ou inúteis? Por que criticamos as escolhas que fazemos de nossos parceiros amorosos, duvidamos de nossas estratégias profissionais e pagamos uma grana para remover as tatuagens pelas quais pagamos uma outra grana para fazer? Por que eles sentem arrependimento e alívio quando pensam em nós, em vez de sentirem orgulho e gratidão? Talvez tudo isso fosse mais compreensível se tivéssemos sido negligentes com eles, se os tivéssemos ignorado ou maltratado em algum aspecto fundamental – mas, ora bolas, demos a eles os melhores anos de nossas vidas! Como é que podem se decepcionar justamente quanto alcançamos os objetivos mais cobigados, e por que eles se sentem tão contentes quando alcançam o exato lugar de onde demos um duro danado para afastá-los? Será que há algo de errado com eles? Ou conosco?

QUANDO TINHA DEZ ANOS, o objeto mais mágico de minha casa era um livro de ilusão ótica. Suas páginas me introduziram às linhas de Müller-Lyer, cujas pontas com flechas faziam com que parecessem ter comprimentos diferentes, ainda que a régua mostrasse que eram idênticas; o cubo de Necker, que ora parecia ter um lado aberto ora parecia ter a parte de cima aberta; o desenho de um cálice que, de repente, se transformava num par de silhuetas e, num piscar de olhos, voltava a ser um cálice (veja Figura 1). Eu sentava no chão do escritório de meu pai e ficava olhando o livro durante horas, humilhado pelo fato de que aqueles simples desenhos forçavam meu cérebro a acreditar em coisas que eu sabia com toda certeza que não passavam de ilusão. Foi quando aprendi que é interessante errar e assim comecei a planejar uma vida em que os erros estivessem presentes. Só que uma ilusão de ótica não é interessante apenas porque conduz alguém a um erro; o mais interessante é que ela conduz todo mundo ao *mesmo* erro. Se eu visse um cálice, você veria o Elvis, e um amigo nosso, um outro personagem qualquer, então, poderíamos estar olhando para um belo borrão de tinta, para uma releitura de ótica. O irresistível nas ilusões de ótica é que todo mundo vê primeiro um cálice, depois as silhuetas e depois vê o cálice de novo. Os erros aos quais a ilusão de ótica nos induz têm uma lei, são regulares e sistemáticos. Não são erros burros; são erros inteligentes, erros que permitem, àqueles que os compreendem, apreciar a elegância do design e o funcionamento interno do sistema visual.

Os erros que cometemos quando tentamos imaginar nosso futuro também têm uma lei, são regulares e sistemáticos. Da mesma forma, têm um padrão



Figura 1

que revela os poderes e limites da previsão, assim como as ilusões de ótica revelam os poderes e os limites da visão. Este livro é exatamente sobre isso. Este livro não lhe dirá como ser feliz. Tais livros ficam na seção de auto-ajuda, dois corredores à frente, e, uma vez que tenha comprado um deles, seguido suas instruções e, ainda assim, se descoberto infeliz, você pode vir aqui e entender por quê. Este livro descreve o que a ciência tem a nos dizer sobre a capacidade da mente humana de imaginar o próprio futuro e o quão bem ela pode fazer isso, sua capacidade de prever esse futuro e se essa previsão acertará qual desses futuros será o melhor para nós. Este livro é sobre um quebra-cabeça que muitos pensadores já tentaram resolver nos últimos dois mil anos, utiliza algumas idéias deles (e outras minhas) para explicar por que conhecemos tão pouco o coração e a mente daqueles que iremos nos tornar. A história se assemelha a um rio que cruza fronteiras sem precisar de passaporte porque, até então, nenhuma ciência resolveu o quebra-cabeça sozinha. Costurando fatos e teorias da psicologia, da neurociência, da filosofia e da economia comportamental, este livro traz à tona um determinado ponto de vista que, modéstia à parte, acho convincente, mas cujos méritos você é que irá julgar.

Escrever um livro já é em si uma recompensa, mas lê-lo implica comprometer tempo e dinheiro que precisam ter seus dividendos pagos. Se você não aprende nada nem se diverte, deveria ter o direito de reaver o tempo e o dinheiro investidos na leitura. É claro que isso não vai acontecer; por isso escrevi um livro que espero ser interessante e divertido, desde que você não o leve muito a sério, e tenha, pelo menos, dez minutos para viver. Ninguém poderá dizer como você vai se sentir quando chegar da leitura, e isso inclui quem você é no momento em que iniciá-la. Mas, se o “futuro você” não ficar satisfeito quando chegar à última página, pelo menos você compreenderá os motivos.